

**BELINQUETE, José – *História da Catequese em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2011, 2 vols., XX+940+índices; 941-1662+índices.**

O Padre José Belinquete da diocese de Aveiro acaba de editar uma monumental obra em dois volumes, primorosamente impressa, cuja elaboração se estendeu ao longo de quinze anos de investigações em arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiros. Este livro ficará para o futuro como um marco indelével da nossa história religiosa e cultural. Os linguistas e outros investigadores irão certamente beneficiar imenso desta valiosa recolha de catecismos preparados por portugueses em diversas línguas<sup>1</sup>.

Surge a edição quando a diocese do Funchal começa a celebrar os 500 anos (1514-2014) da sua história. Chegou a ter jurisdição espiritual sobre todos os domínios de todo o Ultramar pelo que ficou sendo a maior do mundo. Já antes da diocese do Funchal tinham sido criadas várias no Norte de África (1487). Depois foram instituídas até ao presente mais umas vinte. A título de exemplo, lembramos algumas que tiveram origem em Lisboa: Cabo Verde (1533), Goa (1534), Etiópia (1555), Cochim (1557, Malaca (1557), Macau (1576) e Japão (1588), Angola-Congo (1596), Rio de Janeiro (1676), Pequim (1690); com origem na de Goa, que seria depois a principal, as de Malaca (1511), Malabar (1515), Ceilão (1517), Bombaim (1534), Diu (1534) e Tibet (1624).

Recordamos aqui que a Conferência Episcopal Portuguesa, então presidida por D. António Ribeiro, cardeal-patriarca de Lisboa, promoveu em 1994 a iniciativa “Encontro de Culturas. Oito Séculos de MissionaçãO Portuguesa” com uma excelente exposição em S. Vicente de Fora acompanhada de um magnífico catálogo, a qual coincidiu com as várias actividades levadas a cabo pelo programa “Lisboa, capital europeia da cultura”.

A primeira parte da obra abre com uma introdução sobre a catequese de Jesus e dos Apóstolos escrita pelos Padres José Belinquete e Joaquim Carreira das Neves. Segue-se o tema da catequese nos primeiros séculos

<sup>1</sup> Numa outra perspectiva escreveu Maria Cândida Drumond Mendes Barros o trabalho “Notas sobre os catecismos em línguas vernáculas das colónias portuguesas (séculos XVI–XVII)”, in *Iberoromania*, nos. 57/58 (2003).

da Igreja (desde os inícios com a Dídaca a Santo Ireneu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes e S. Cipriano nos fins do séc. II e no séc. III; e a S. Cirilo de Alexandria, Santo Ambrósio, S. Gregório de Nissa, Teodoro de Mopsuesta e Santo Agostinho no séc. IV). São estudadas as características mais significativas da catequese primitiva, o catecumenato e o símbolo da Fé ou Credo (o Símbolo dos Apóstolos, o Símbolo Niceno-Constantinopolitano aprovado no 1.º concílio de Constantinopla de 381 e o Símbolo “Quicumque”, também chamado de Santo Atanásio). No “Enchiridion symbolorum... de H. Denzinger (40.ª ed., em latim e alemão, 2005) podemos seguir a sequência dos mais importantes textos relativos à profissão da fé ao longo da história da Igreja.

Na 3.ª parte o A. trata nos três primeiros capítulos da catequese em Portugal desde a chegada do Cristianismo aos povos do sul da Península Ibérica, da evangelização e catequização das gentes das cidades e dos campos e da catequese até à impressão do primeiro catecismo em Portugal (1489) à luz dos concílios provinciais e sínodos diocesanos, das visitações ou Cartas de Visitação, etc. Vem depois o período pré-tridentino. O primeiro catecismo em forma de perguntas e respostas foi elaborado no séc. IX, intitulado *Disputatio puerorum per interrogationes et responsiones* (*Patrologia Latina* 101: 1097-1144). Jean Gerson (1363-1429) no seu *Tractatus de parvulis trahendis ad Christum* preocupou-se com a utilização de termos que uma criança pode compreender. Em 1555, Pedro Canísio imitou o formato do catecismo de Lutero e acrescentou 213 perguntas e respostas ao seu catecismo extenso para pregadores e mestres (*Summa doctrinae christianae*). Em 1556 simplificou-o para o ensino às crianças com 59 perguntas (*Cathechismus minimus*), vindo depois a ampliá-lo para 223 perguntas quando terminou o Concílio de Trento. Em 1558 escreveu outro de tamanho médio (*Parvus catechismus Catholicorum*) com 112-124 perguntas, dividido em duas partes, Sabedoria e Justiça, subdividido em Fé e Credo; Esperança e o Pai-Nosso; Caridade e os andamentos; Sacramentos; Pecado; Boas Obras. Teve um enorme êxito e imprimiu-se 120 vezes durante a sua vida e veio a tornar-se o modelo do trabalho catequético na Alemanha e em muitos países até ao séc. XX. Outros padres jesuítas compilaram catecismos, merecendo destaque Roberto Belarmino com a sua “*A doutrina cristã breve*” (1597), com um manual para o mestre (1598). Alcançou uma notoriedade deveras

singular, sendo considerado o que teve maior êxito e o que foi mais traduzido. Dele se serviu Ricci mais tarde. Carlos Sommervogel cita mais de 500 livros e traduções de discípulos de Loyola, sem incluir as muitas edições feitas.

■ A catequese dos jesuítas fazia-se também por meio do teatro e da arte. Desde 1551 até 1773 representaram-se mais de 100 000 peças nos muitos colégios disseminados por toda a parte, grande parte delas com alusões a temas e figuras bíblicos e da história da Igreja. A arquitectura de estilo barroco estava orientada para a pedagogia dos fiéis através da emoção e do amor a Cristo ressuscitado e vivo no seio da comunidade. O púlpito e o altar tinham um papel preponderante.

■ O cap. V fala da história da catequese dos missionários, quase todos pertencentes a ordens religiosas, junto dos povos descobertos pelos Portugueses: Índia/Goa, Costa do Malabar..., Malaca e Singapura, Ceilão, Japão, China, Camboja, Coreia, Anam-Vietnam (Cochinchina), Tibete, Etiópia ou Abissínia, Macau, Timor, Cabo Verde, Guiné, Benim, Angola, Moçambique e Brasil. Uma grande figura foi o jesuíta italiano com formação portuguesa Matteo Ricci (1552 – 1610), cujo centenário da morte foi evocado em 2010, que escreveu entre 1593 a 1596 o célebre catecismo “Verdadeira Noção de Deus” (*Tianzhu shiyi*), em latim “De Deo Verax Disputatio”), que foi publicado em 1603, em forma de diálogo entre um pensador ocidental e um pensador chinês, o primeiro servindo-se da Escolástica e o segundo das doutrinas do Taoísmo, do Confucionismo e do Budismo. Escrito entre 1593 a 1596 “é a primeira tentativa por um estudioso católico de usar um modo chinês de pensar para introduzir o cristianismo entre os intelectuais chineses”. Segundo Ricci, o catecismo é um esforço de “expor o pensamento católico, com a ajuda do património cultural existente na China”. Fala da Encarnação (nascimento de Jesus) e da Salvação e ainda de questões como a natureza e o acto da criação, as provas da existência e unicidade de Deus, a natureza e imortalidade da alma, a intenção, a vida eterna e a bondade da natureza humana. Ao mesmo tempo, Ricci usou esta obra de introdução ao catolicismo para denunciar as contradições e erros de idolatria e a reencarnação. Mas, este diálogo não mencionava nada sobre o Apocalipse, a Santíssima Trindade e, além do Baptismo, não contemplava os sacramentos. Isto porque Ricci tencionava apenas explicar racionalmente no catecismo as verdades católicas que a razão humana podia compreender sem recorrer

à Revelação divina. Sobre esta sua intenção, Ricci afirmou que o seu livro “deve abrir o caminho para o resto dos mistérios de nossa religião revelada”. O uso da razão era muito valorizado por Ricci porque ele acreditava que a razão, que é comum aos ocidentais e aos orientais, pode levar as pessoas a conhecerem a Verdade, que está presente em cada ser humano.

O A. aborda depois o “milagre das línguas” e a história do catecismo desde o concílio de Trento até Pio X, de Pio X até à década de 1950 em que se iniciou a renovação a partir dos anos 50 até à publicação do Catecismo da Igreja Católica (1993) e ao Directório-Geral (1998). As partes 4.<sup>a</sup> a 10.<sup>a</sup> versam a catequese nas antigas províncias ultramarinas em que contou com a colaboração de vários autores.

Desta monumental obra conclui-se que os missionários portugueses deixaram um rasto indelével de notável mérito que muito beneficiou a promoção da cultura de muitos povos. Permite conhecer quem foram os missionários, as línguas que tiveram de aprender como o amárico e o tamil. A primeira é uma língua semítica e é o idioma oficial da Etiópia; a tradição faz remontar a criação do reino à rainha de Sabá que visitou Salomão em Jerusalém no séc. X a. C. A existência de judeus etíopes, chamados Falashas, daria o seu fundamento a esta lenda; a conversão ao cristianismo do reino de Axum, a norte da actual Etiópia, data do séc. IV e a primeira versão da Bíblia para etíope do séc. V. O patriarca da Etiópia Afonso Mendes escreveu um catecismo em amárico.

O tamil é uma língua dravídica falada no sul da Índia (oficial no estado de Tamil Nadu), Sri Lanka, Myanmar (ex-Birmânia), Malásia, Indonésia, Vietname, Singapura e ainda em zonas do sul e leste da África. Sobre o tamil escreveu Henrique Henriques (1520-1600) vários trabalhos<sup>2</sup>. Das línguas dos povos índios do Brasil temos o tupi, o guarani, o kakiti, etc.

O livro do Padre Belinquete permite-nos também conhecer os dicionários bilingues e os vocabulários que os missionários portugueses elaboraram, as gramáticas que redigiram e as tipografias utilizadas. José de Anchieta

<sup>2</sup> Vid. Hans J. Vermeer *The first European Tamil grammar : a critical edition*, trad. ingl. de Angelika Morath, Heidelberg, Groos, ca. 1982; Graham W. Shaw, *A 'lost' work of Henrique Henriques: the Tamil confessionary of 1580*, Photocopy of: Bodleian Library record, vol.11, no.1 (Nov.1982), p. 26-34; S. RAJAMANICKAM, *Padre Henrique Henriques, the father of the Tamil Press. A paper read by Fr. S. Rajamanickam*, Madras, Appar Achakam, 1968.

escreveu *Arte de Gramática da língua mais usada na Costa do Brasil*, impressa em Coimbra por Antonio Mariz no ano de 1595; *Poemas. Lírica portuguesa em tupi*, etc. Enriquecem a obra vários índices e as ilustrações insertas de que é exemplo significativo a do catecismo de D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta (dependente de Lisboa, saído da tipografia do alemão Valentim Fernandes e de João Pedro Boonhomini de Cremona a 20 de Julho 1504). Digno de uma leitura atenta é o prefácio do seu autor dirigido ao rei D. Manuel.

É um levantamento a todos os títulos notável cuja falta há muito se fazia sentir. Bem-haja o Padre Belinquete por este valioso trabalho que vem revelar o papel importantíssimo desenvolvido pelos arautos do Evangelho na divulgação da mensagem cristã. Foi uma verdadeira epopeia que nunca será demais enaltecer. Como se lê no Sal 19, 5: «In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terrae verba eorum».

Coimbra, 2011-07-17

*Manuel Augusto Rodrigues*

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC

mrodrigues@ci.uc.pt